

Saúde, um direito de todos e um pesadelo de muitos

9 JUL 1990

GAZETA MERCANTIL

Euler Baptista de Oliveira*

A medicina brasileira, notadamente no Estado do Rio de Janeiro, adotou e ampliou a crise



sócio-econômica que assolou o nosso país; se não de surpresa, pelo menos por displicência dos governantes e da sociedade civil.

Criou-se, então, uma figura grotesca em busca dos culpados.

Agudizam-se as divergências para definir qual o vilão da estória: o hospital ou o médico.

Os hospitais estão documentadamente esfaçelados em suas estruturas. Crianças e idosos passam por uma espera infundável nos corredores dos grandes hospitais, onde, se não bastassem seus sofrimentos físicos, acabam por ser desrespeitados como seres humanos, obtendo um atendimento insuficiente, anti-higiénico e deplorável, por falta de recursos financeiros.

Os médicos desestimulados pelas baixas remunerações e pela sonegação de recursos técnicos de que necessitam para o exercício da sua nobre arte e

ciência, que é a medicina. Isto posto, ressalta a verdade de que há necessidade de encontrar uma solução urgente.

A medicina preventiva, com suas campanhas de vacinação, alcançou algum êxito, apesar da falta absoluta de suporte da área de pesquisa e do substrato essencial para o seu desenvolvimento.

A medicina assistencial, ou chamada curativa, permanece num caos, porque parte de um princípio errado de que a solução estaria em ampliar os grandes hospitais.

Os países ditos do Primeiro Mundo, critério que se baseia no processo tecnológico, esqueceram-se de que a humanidade é uma só.

Adotam o sábio critério de hospitais comunitários, que atendem em 70% das patologias, reservando os hospitais de grande porte para atendimento das especialidades que demandam recursos pesados para instalações de complexas especialidades, tais como: neurocirurgia, cirurgia cardíaca, cirurgia de transplantes e experimentação.

Estamos plenamente convencidos de que, aparelhando os hospitais, dando aos médicos condições para que eles não precisem de

três a quatro empregos, a fim de que possam dedicar algumas horas dos seus dias à leitura dos livros técnicos, hoje ausentes de suas bibliotecas, pelo alto custo, lograremos grande progresso nessa área de vital importância para a felicidade da humanidade; razão e objetivo da existência do homem para que a saúde seja como reza a Constituição: "um direito de todos".

Queremos enfatizar a necessidade de extinguir ou dar sua verdadeira finalidade aos "repousos", onde os pacientes permanecem por infundáveis dias, suportando incriveis sofrimentos por não serem tratados

convenientemente, sofrendo humilhações de diversas ordens, como a nudez e a falta de alimentos.

O repouso nos hospitais é sem dúvida necessário, desde que seja de curta duração, onde os doentes sejam instalados em serviços nos quais na realidade haja uma diagnóstica de suas doenças, com objetivo de cura, e se isso não for possível, com a minoração de seus sofrimentos.

Isto é o mínimo que os homens bem intencionados e cristãos podem oferecer em respeito à dignidade humana.

* Diretor da Casa de Saúde Renaud Lambert.